

O fogo e seus aspectos

Fogo: natural e simbólico

Quando nos perguntam quais os quatro elementos naturais, é fácil responder: água, ar, terra e fogo. Todos estão presentes na natureza em abundância, e por isso passam por vezes despercebidos (com exceção de onde são escassos). Normalmente, quando a natureza se manifesta raivosamente em furacões, maremotos, terremotos e queimadas é que voltamos nossa atenção para eles – e mesmo assim dura, às vezes, o tempo de um noticiário de TV. Desde o princípio da história da humanidade, porém, os homens têm dispensado um tratamento diferenciado a um desses elementos, que vai além de sua função natural: o fogo.

O fogo ganhou uma aura simbólica muito forte no imaginário humano. Não estamos afirmando que outros elementos da natureza também não tenham seu valor simbólico, mas talvez este em especial esteja presente de forma mais intensa nas mais diversas mitologias e manifestações culturais do nosso planeta e nos mais variados períodos da nossa história.

Quando olhamos para o fogo, por mais que conheçamos sua naturalidade, não costumamos primeiramente pensar: “Oh! Que linda combustão de elementos químicos!”. Na presença de uma chama, da sua luz, das suas cores, nossa visão do fogo é outra. Através do fogo, nos enredamos nas memórias, desejos, tradições... Ele nos força a imaginar. A chama, dentre os objetos do mundo que nos fazem sonhar, é um dos maiores operadores de imagens (BACHELARD, 2002:9).

A presença do fogo pode estimular a união e conseqüentemente a formação e fortificação de laços sociais e familiares. Neste caso, ao redor de uma fogueira ou lareira, ou até sob a tênue luz de um lampião, as conversas são encaminhadas ao passado, às boas recordações, ao riso e ao deleite da boa companhia.

Quando estamos sozinhos, o fogo nos leva ao pensamento e à reflexão. Ele fornece meios de explicação nos domínios mais variados porque é, para nós, a

ocasião de lembranças imperecíveis, de experiências pessoais simples e decisivas (BACHELARD, 1999:11).

Bachelard (1999:11) formula uma questão a este respeito: “*Como provar melhor que a contemplação do fogo nos conduz às próprias origens do pensamento filosófico?*”. A presença do fogo em nosso meio não é banal. Ele sugere o desejo de mudar, de apressar o tempo, de levar a vida a seu termo, a seu além (BACHELARD, 1999:28). Metaforicamente, pode descrever as experiências humanas mais diversas, tais como a intensidade de uma paixão, da maldade, ou do calor de uma batalha (DICIONÁRIO..., 1982:251). Ele sugere também poder e domínio sobre a natureza, algo divino, algo sobrenatural.

Fogo: presente dos deuses

O fogo está particularmente ligado às cosmogonias, isto é, aos mitos da criação do mundo e do próprio homem. É constantemente citado como elemento dos deuses, ferramenta usada por eles na criação do mundo. Os mitos e suas explicações também dizem respeito ao surgimento do fogo em nosso meio.

Os índios Chorotes, do Gran Chaco, por exemplo, contam:

Há muito tempo todo o mundo conhecido por eles [os Chorotes] foi devastado por um incêndio, que destruiu a todos os Chorotes, exceto um homem e uma mulher, que se salvaram em um buraco na terra. Quando tudo havia terminado e o fogo se apagou, o homem e a mulher escavaram seu caminho de saída, mas não tinham fogo. No entanto, o abutre negro havia levado um pau meio queimado para seu ninho. Esse tição havia incendiado o ninho e o ninho incendiou a árvore, de modo que o fogo transformou o tronco em brasas. O abutre negro presenteou um pouco de fogo ao homem Chorote e desde então os Chorotes possuem o fogo. Todos os Chorotes descendem daquele homem e daquela mulher (FRAZER, 1942:20).

É comum encontrar em alguns mitos indígenas o relato de animais-divindades, isto é, animais que falam, agem como humanos e têm poderes sobrenaturais, que fornecem o fogo ao homem ou que o ensinam a fazer. Outros contam que nasceram de um grande incêndio e se consideram filhos do próprio fogo.

O fogo não está constantemente disponível na natureza como a água ou o ar. Ele precisa ser fabricado ou conseguido através de alguma manifestação da natureza, como o raio. Precisa ser manipulado para ganhar vida, por esse motivo o fogo tem uma aura de tesouro, de preciosidade que precisa ser mantida para a própria sobrevivência do homem. Na mitologia romana, a deusa Vesta (Héstia, para os gregos), por exemplo, velava pelaslareiras. Em seu templo, ardia

constantemente um fogo sagrado sob a guarda de seis sacerdotisas virgens, as Vestais. Como se acreditava que a salvação da cidade dependia da conservação desse fogo, a negligência das Vestais, caso o fogo se extinguisse, era punida com extrema severidade, e o fogo era aceso de novo, por meio dos raios do sol (BULFINCH, 2000:17).

Muitos relatos indígenas relacionam a “origem” ao “roubo” do fogo. Quem detém o fogo detém o poder sobre os outros e sobre a natureza. James George Frazer (1942:98), em seu livro dedicado às mitologias indígenas da América, diz que os relatos indígenas bastam para provar que a questão do descobrimento do fogo e dos modos de acendê-lo têm instigado a curiosidade e exercitado a habilidade dos homens de distintas épocas e de muitas partes do mundo.

Um desses relatos citados por Frazer é o dos índios Chippewa ou Ajbivay, um importante grupo de tribos pertencentes à estirpe dos Algonquinos Centrais, da América do Norte, eles dizem que:

No princípio os homens careciam de sabedoria; não tinham roupas e ficavam sentados sem fazer nada. O Espírito do Criador enviou um homem para lhes ensinar. Este homem era chamado “ocabewis”, isto é, “mensageiro”. Alguns desses antigos povos viviam ao sul, onde não necessitavam de roupa alguma. Mas os povos mais ao norte tinham frio e começaram a inquietar-se sobre o que poderiam fazer. O Mensageiro viu os povos do sul desnudos e sem moradias e os deixou livres a si mesmos. Foi até o norte, onde as pessoas sofriam e necessitavam de ajuda. Disse: “Por que estais sentados aqui sem roupa?”. Eles responderam: “Porque não sabemos o que fazer”. A primeira coisa que ele lhes ensinou foi acender fogo com um arco, um pau e um pedaço de madeira seca. E esse método de fazer fogo está, todavia, em uso entre os Chippewas, ou estava até quase pouco. Depois, o Mensageiro ensinou aos Chippewas como cozinhar a carne no fogo (FRAZER, 1942:53-54).

Se atentarmos para o início deste mito, observamos a seguinte frase: “*No princípio os homens careciam de sabedoria...*”. E como o homem adquiriu sabedoria?

Uma resposta talvez esteja no mito de Prometeu, bem conhecido do mundo ocidental, que relata explicitamente como o poder e a sabedoria foram concedidos aos homens através do fogo. Segundo a mitologia grega, Prometeu e seu irmão, Epimeteu, primos do todo-poderoso Zeus, foram incumbidos de distribuir aos seres da terra as qualidades necessárias para a sobrevivência. Epimeteu pediu para fazer o trabalho sozinho e foi distribuindo virtudes compensatórias. Deu asas a alguns, tamanho a outros, agilidade a mais alguns, criando um equilíbrio necessário para que não destruíssem nem fossem destruídos por outras espécies. Ficou para o final do trabalho o homem, a quem Epimeteu deixou nu e indefeso, já que se tinham

acabado as virtudes disponíveis. Para prover o homem do mínimo necessário para sobreviver, Prometeu subiu ao Olimpo, a morada dos deuses, e roubou o fogo das forjas de Hefesto (o filósofo Platão cita um segundo roubo: a sabedoria para utilizar o fogo, retirada da deusa Atenas). Entregou tudo ao homem, que, a partir daí, pôde aquecer, iluminar, forjar, fundir, desenvolver-se enfim (BRUNEL, 1998). O próprio nome Prometeu, segundo a etimologia, teria vindo da conjunção das palavras gregas *pró* (antes) e *manthánein* (saber, ver). Ou seja, Prometeu equivaleria a *prudente* ou *previdente*, análogo à sabedoria, da qual seríamos herdeiros.

Fogo divino

Como vimos anteriormente, o fogo e sua relação com o sagrado está imbricado de tal maneira no imaginário humano que é difícil olharmos para o fogo e vermos uma imagem apenas natural do mesmo.

O fogo é polivalente. Suas formas e seus usos são muitos. O fogo que aquece, o fogo que queima, que cozinha, que ilumina, que purifica... Tantas formas e tantos significados, seu uso principalmente na religião durante a história da humanidade e também nos dias atuais, é amplo e vivo.

É comum encontrar em diversas culturas, tanto orientais como ocidentais, a associação do fogo ao sagrado. O divino está agregado ao alto, ao que está muito acima das nossas cabeças. O simples fato de ser “elevado”, de se encontrar “no alto”, equivale a ser “poderoso” (no sentido religioso da palavra) e de ser, como tal, saturado de sacralidade (ELIADE, 1977:67).

O Céu revela-se infinito e transcendente e o simbolismo dessa transcendência se deduz da simples tomada de consciência da sua altura infinita. Ser “altíssimo” é algo que se torna necessariamente um atributo da divindade. As regiões superiores, inacessíveis ao homem, as zonas siderais, adquirem os prestígios divinos do transcendente, da realidade absoluta, da perenidade. Tais regiões são a morada dos deuses. O “alto” é uma categoria inacessível ao homem, como tal pertence por direito aos seres sobre-humanos (ELIADE, 1977:66).

Os deuses estão no céu, e só o céu é divino. Os grandes deuses da Antiguidade indo-européia, Dyaus, Zeus, Tyr, Júpiter, Varuna, Urano, Ahura-Mazda, são os senhores todo-poderosos do céu luminoso. Também Javé é um deus do céu (DURAND, 2001:136).

Essas religiões agregam símbolos que têm valor de ascensão, que se encontram no Regime Diurno da Imagem (DURAND, 2001). Tudo que está no alto e tudo que vem do alto é divino. Desta maneira o fogo, o ar, a luz, toda coisa que sobe ou que vem do alto, também é divina (BACHELARD, 2002:88). O fogo se torna, então, objeto sagrado, venerado e temido; ferramenta de purificação e ao mesmo tempo de julgamento nas mãos dos deuses.

Na religião persa, o Zoroastrismo, o corpo do deus Ahura-Mazda sempre é representado como uma chama ardente não criada. Sendo assim, o fogo é reverenciado como elemento da pureza. Pelos dogmas dessa religião, no conflito entre os princípios básicos bons e maus, o homem deve se colocar no lado do bem, ao qual pertence o fogo. Os bons e os maus serão testados pelo fogo no Juízo Final, inclusive o próprio inferno será purificado pelo fogo. Assim, segundo o Zoroastrismo, o fogo é protetor da ordem boa e divina da vida (DICIONÁRIO..., 1982:251).

No mundo grego, o fogo se emprega como meio de purificação ritual, após um nascimento ou morte e em várias outras festas rituais, pois os gregos antigos acreditavam que o fogo acompanha o aparecimento de uma divindade. A filosofia grega também buscou no fogo base para teorias. Segundo Heráclito de Éfeso, o fogo é o elemento básico de todas as coisas: o mundo é um movimento do fogo, que é submetido a um processo constante de mudança e é idêntico à divindade (ou *logos*). Assim, Deus, o universo de fogo, o raciocínio universal e o espírito humano são considerados como sendo uma só coisa (DICIONÁRIO..., 1982:252).

Já para os Judeus, no Antigo Testamento, o fogo também serve como purificação:

Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado. (BÍBLIA, Isaías 6:6-7)

No culto judaico, o fogo sacrificial se emprega para queimar ofertas sobre o altar. Porém Javé está presente entre seu povo como Juiz, que traz libertação, e não somente castigo, o fogo que o acompanha fica sendo a expressão de dois aspectos diferentes da sua atividade. Em primeiro lugar, é a marca do julgamento divino:

Queixou-se o povo de sua sorte aos ouvidos do Senhor; ouvindo-o o Senhor, acendeu-se-lhe a ira, e o fogo do Senhor ardeu entre eles e consumiu extremidades do arraial. (BÍBLIA, Números 11:1)

Em segundo lugar, é sinal da graça de Javé. Ele demonstra mediante o fogo a sua aceitação de um sacrifício:

Edificou ali um altar ao Senhor, ofereceu nele holocaustos e sacrifícios pacíficos e invocou o Senhor, o qual lhe respondeu com fogo do céu sobre o altar do holocausto. (BÍBLIA, I Crônicas 21:26)

Além disso, o fogo no Antigo Testamento é sinal de orientação divina. Javé fala do meio do fogo. Nas religiões judaico-cristãs a aparição do fogo como juiz

divino é bem expressiva. O fogo é um dos “servos” de Deus, um instrumento na sua mão. É um símbolo da santidade de Javé como Juiz do mundo e também do seu poder e glória divinos. Na apocalíptica judaica, o fogo se torna a marca do mundo celestial. A casa na qual Javé habita no céu é feita e cercada pelo fogo. O fogo é o meio de castigo no inferno e o julgamento final é um julgamento através do fogo (DICIONÁRIO..., 1982:253).

No mundo ocidental, essas idéias perduram e é crença geral que o inferno é um lugar de fogo ardente e sofrimento. Tanto que se tornaram comuns em nosso meio, expressões como “vai queimar no fogo do inferno!”. A idéia é mostrar que o fogo, como símbolo das divindades, como tudo que vem dos céus, é reverenciado e temido.

Boa parte dos aspectos do simbolismo do fogo está resumida na doutrina hindu, que lhe confere fundamental importância. Agni, Indra e Surya são os fogos dos mundos terrestre, intermediário e celeste: o fogo comum, o raio e o Sol. Além disso, existem outros dois fogos: o da penetração ou absorção (Vaishvanara) e o da destruição (outro aspecto de Agni) (CHEVALIER, 2003:440).

O Deus Agni escalou os cimos celestiais,
e, ao liberar-se do pecado,
ele nos libertou da maldição.

(ATHARVA VEDA, 12, 2; VEVD, 234)

Mas a purificação não provém apenas do alto. É necessário que o homem se despoje do seu manto de impureza, que faça o sacrifício e que quebre a barreira que separa a humanidade dos deuses e realize a aproximação do homem junto a esses seres imortais e soberanos. São Martinho diz: “*O homem é fogo; sua lei, como a de todos os fogos, é a de dissolver seu invólucro e unir-se ao manancial do qual está separado*” (CHEVALIER, 2003:440).

Assim, muitos são os ritos na busca de purificação e santidade espiritual e aproximação do divino através do fogo; a palavra *puro* significa ela própria fogo em sânscrito (DURAND, 2001:173). Os taoístas, por exemplo, entram no fogo para se liberar do condicionamento humano. Eles entram no fogo *sem se queimar*; e isso, segundo afirmam, permite-lhes chamar a chuva, benção celeste. Também na Índia, *Taijasa*, condição do ser que corresponde ao sonho e ao estado sutil, deriva de *tejas*, o fogo. Abu Ya’qub Sejestani considera o fogo em sua função de *levar as coisas ao estado sutil* pela combustão do invólucro grosseiro (CHEVALIER, 2003:440).

O importante é observarmos que a purificação e aproximação dos deuses é uma das várias facetas simbólicas do fogo, pois como já dissemos, ele é polivalente e polissêmico, e nossa relação com ele é extensa. Interessa-nos aqui mostrar alguns aspectos mais ligados aos Fogos de Artifício, dos quais trataremos adiante.

Fogo e luz

Como vimos acima, o fogo faz parte de uma constelação de símbolos ascensionais, isto é, símbolos ligados ao alto, por consequência, ao divino. Entre os vários símbolos que representam as alturas, estão as asas, o levantar vôo, subir às alturas, o impulso; a flecha, que em seus muitos sentidos corresponde ao raio de luz, ao relâmpago; e os astros celestes em geral estão unidos na mesma constelação simbólica onde convergem o luminoso, o solar, o puro, o branco, o real e o vertical, atributos e qualidades que, no fim de contas, são os de uma divindade uraniana (DURAND, 2001).

O que poucas vezes observamos é que em muitas situações a luz também é fogo. Este aspecto em específico é de relevância para este trabalho, e tentaremos neste tópico “sobrevolar” esta característica especial do fogo.

“A luz é então uma supervalorização do fogo”. Com esta frase singular, Bachelard (2002:12) consegue resumir um sentido do fogo com o qual estamos habituados, mas, ao mesmo tempo, esquecidos. Quem ao olhar para uma lâmpada elétrica vai lembrar ou saber que ali há pequenos filamentos que se aquecem e, como por milagre, nos oferecem a visão das coisas ao redor? Quem lembra que quando ficamos no escuro dizemos “a lâmpada queimou”? É claro que estamos partindo de exemplos simples para viajarmos por lugares mais distantes. Essa “supervalorização” implica em ver na luz uma outra face divina do fogo.

Desde a mais remota Antiguidade, a importância dos astros celestes na vida do homem foi enorme. Alguns povos não possuíam um calendário preciso que lhes permitisse prever com segurança a ocorrência do início das estações, assim eram obrigados a observar o céu. Em função de determinadas estrelas apresentarem brilho muito intenso, sabiam com antecedência quando iria ocorrer a chegada da primavera, do verão, do outono e do inverno. Por outro lado, a observação astronômica era motivada e estimulada também pela ausência de luz elétrica, o que facilitava muito. Com efeito, a esplendorosa iluminação das grandes cidades modernas tem afastado o antigo hábito de observação do céu. Assim, contraditoriamente, ofuscados pelas luzes da cidade, somos impedidos de ver os astros.

Muitos aspectos da nossa vida social são rígidos em virtude de uma série de tradições de origem astronômica que foram estabelecidas pelas civilizações que nos antecederam (MOURÃO, 2001:10). Dentre eles, as festas de solstícios e de colheitas, das quais trataremos em um tópico adiante.

Contudo, o relacionamento com os astros celestiais, durante a história da humanidade, sempre foi de deslumbramento e reverência e ainda hoje é assim. Alguém consegue ficar indiferente a uma grande lua cheia?

Sabemos que a lua em si não emite luz, a origem da sua beleza é algo mais exuberante e poderoso: o Sol, fonte de calor, de energia e de luz. Falaremos sobre ele mais especificamente.

É importante salientar que esta noção de fogo-luz é também, em si mesma, uma noção simbólica, pois não podemos afirmar que outras estrelas, além do Sol, são quentes ou frias. O fogo teoricamente é o desenvolvimento simultâneo de calor e luz produzido pela combustão de certos corpos. Porém, nem tudo que emite luz o faz através de reações químico-físicas, de combustão, e até mesmo em algumas experiências químicas é importante a supressão do calor para o surgimento da luz.

A luz das estrelas, que chega até nós após viajar milhões de quilômetros, é um fogo simbólico. Assim foi visto e sacralizado por diversas culturas na antiguidade. As tribos do sudeste da Austrália, por exemplo, veneravam uma entidade chamada Beame. Para eles a morada sideral de Beame é atravessada pela Via Láctea; as estrelas são as “fogueiras” do acampamento de Altjira e de Tukura (deuses supremos das tribos Aranda e Loritja) (ELIADE, 1977:70).

Da mesma forma, outros astros e eventos naturais são venerados e divinizados pelo homem. Entre eles, o raio e o trovão. Estes fenômenos naturais, que geralmente acontecem juntos, são considerados sagrados para diversas culturas. O raio é a arma do deus do céu em diversas mitologias, um sítio por ele atingido com um raio torna-se sagrado e os homens por ele fulminados ficam consagrados (ELIADE, 1977:82). As histórias dos índios Lenguas registram em forma mítica a crença que os homens aprenderam pela primeira vez o uso do fogo de um incêndio provocado pelo raio. É crença generalizada entre os índios americanos que o trovão e o raio são produzidos pelo bater de asas e o piscar de olhos de uma ave gigantesca (FRAZER, 1942:20).

Outro mito que retrata a ligação dos deuses ao raio e ao trovão vem da mitologia Iorubá sobre a deusa Iansã, que é associada ao ar, ao vento, à tempestade, ao relâmpago/raio (ar+movimento e fogo) e aos ancestrais (eguns). Conta-se que Iansã viajou por vários reinos, seduzindo seus reis e aprendendo com eles suas habilidades e mistérios. Até que partiu para o Reino de Xangô, pois lá acreditava que teria o mais vaidoso dos reis e aprenderia a viver ricamente. Mas ao chegar ao reino do Rei do Trovão, Iansã aprendeu mais do que isso, aprendeu a amar verdadeiramente e com uma paixão violenta, pois Xangô dividiu com ela os poderes do raio e deu a ela seu coração. O fogo das paixões, o fogo da alegria e o que queima. Assim, ela tornou-se o Orixá do Fogo (PRANDI, 2001:296).

Enfim, os astros celestiais e as manifestações da natureza representam a força dos deuses e até essas próprias manifestações se tornam divindades reverenciadas pelo homem.

Fogos de artifício

O termo “artifício” se origina do Latim (*artificiu*). Traduzindo, é o emprego de meios ou processos engenhosos para se obter um artefato, que por sua vez

também vem do Latim (*arte + factu*) e designa um produto manufaturado, isto é, feito à mão, manipulado pelo homem.¹

Partindo da etimologia desses termos, acordamos que os “fogos de artifício” são fogos manipulados, um fogo domesticado, criado, dominado. Seu principal objetivo: comemorar. Durante nossa pesquisa, não encontramos a utilização de fogos de artifício em eventos fúnebres ou de caráter lúgubre. Os fogos estão diretamente ligados a eventos de alegria, celebrações, comemorações. O motivo varia da mais simples festa de aniversário a eventos de nível internacional.

Os fogos de artifício são uma forma de expressão que transcende fronteiras e etnias, provocando sentimentos fortes de alegria, honra e orgulho conforme o seu uso. Como exemplo dessa transcendência internacional dos fogos, relatamos uma das passagens de ano em Las Vegas, nos Estados Unidos da América.² A cidade atrai turistas do mundo todo que querem esquecer, nem que seja por uma noite, os seus problemas.

Las Vegas é considerada por muitos a capital do entretenimento mundial, e os organizadores do evento desejavam algo grande e vistoso. A intenção era que o show pirotécnico fosse maior que o de outras cidades e atraísse pessoas para lá. Como tratado anteriormente, quem detém o fogo detém o poder, e o que os representantes da cidade queriam era ampliar o turismo com seus benefícios econômicos e de *status*, gerados pela competição, própria da cultura norte-americana, através de um espetáculo de beleza e alegria.

A família Grucci, tradicional no ramo da pirotecnia há mais de 100 anos, foi convidada para organizar a queima de fogos do citado *réveillon*. A pirotecnia levou energia ao evento; quase todos os sentidos foram atingidos, pois era possível sentir, ouvir, cheirar e ver o espetáculo; pessoas do mundo todo, de diferentes idiomas, comungaram de um mesmo sentimento. Foram usados efeitos com os brancos, cintilantes, os tons frios devido ao inverno no hemisfério norte, tons prateados e toques de vermelho e verde que saíram do Natal. Os artefatos foram instalados em cima dos principais cassinos da cidade, formando um corredor iluminado.

A avenida se transformou numa “Via Láctea” quando cometas prateados e dourados (a marca dos Grucci) explodiram em cima de tantos cassinos. Devemos atentar para esses termos utilizados pelos pirotécnicos. São estrelas, cometas, chuvas, trovões, raios e suas cores. Observamos³ que as terminações usadas para os

1 ARTIFICIO. Dicionário de Língua Portuguesa – PRIBERAM. [on-line], Disponível em: <<http://www.priberam.pt>>, Acesso em: 25 outubro 2010.

2 *A Magia dos Fogos de Artifício* – documentário exibido no canal People&Arts em 2003.

3 Nos documentários *A Magia dos Fogos de Artifício* – Canal People&Arts; *Mãos à Obra: Fogos de Artifício* – History Channel, e no comércio de artigos pirotécnicos.

fogos estão ligadas à sua forma e ao que elas representam. Mas, a nosso ver, estes termos não têm a simples função de designar os efeitos dos fogos – vão mais além.

Durand, em sua obra dedicada ao estudo do Imaginário, afirma que toda a construção do homem está no desejo profundo em superar a morte. Da mesma forma que as mitologias, os ritos e as festas são uma tentativa de aplacar na alma humana o sentimento de finitude, soltar fogos de artifício também o é. Há de se perguntar como os fogos podem suscitar uma questão metafísica como essa. A resposta talvez esteja no fato de que manipulando o fogo, produzindo “estrelas”, os homens sintam o poder dos deuses criadores dos astros e, assim, se aproximem da imortalidade.

Seguindo este raciocínio, a manipulação do fogo sugere o domínio da natureza. E a mistura dos elementos químicos na criação de cores e sons está impregnada desse anseio humano.

Os alquimistas exemplificam com propriedade a busca da imortalidade através do domínio sobre a natureza. A alquimia é uma ciência natural que representa uma tentativa de entendimento de fenômenos materiais na natureza; é um misto da física e da química de tempos remotos, sendo também o princípio de uma ciência empírica. Os alquimistas estudaram e se concentraram no mistério da natureza, em especial nos fenômenos materiais (VON-FRANZ, 1993:15).

A ciência natural – na acepção de que o homem sempre fez experimentos com animais, pedras, fogo, água – era parte daquelas práticas mágicas, que estão ligadas a diversas religiões e lidam com diversos materiais e substâncias. Assim, na Alquimia, a matéria era abordada de um modo “mágico” e, portanto, personificava aspectos divinos (VON-FRANZ, 1993:15). Desse modo, soltar fogos também é uma forma de comunicação com os deuses e uma maneira de agradecer suas graças “devolvendo” estrelas ao céu, em momentos de êxtase e consagração ritual.

A pirotecnia em si é um ritual. Primeiro há a preparação dos elementos químicos, seguida do feitio dos cartuchos, a montagem dos artefatos e por fim, geralmente à noite, a grande queima.

Apesar de sempre relacionarmos os fogos de artifício à luz e à cor, existem os espetáculos pirotécnicos com fogos apenas de barulho, caso da *Mascletá*, fenômeno exclusivo da cidade de Valência, na Espanha, durante o festival de *Las Fallas*.⁴

Esse festival floresceu na Idade Média e se transformou em um evento fantástico centrado na construção e na queima de mais de setecentos monumentos espetaculares, as *fallas*, que retratam acontecimentos atuais, política e cultura popular da cidade. Cada bairro tem sua *falla*, as pessoas votam e os vencedores são premiados. No último dia do festival, a partir das 22 horas as *fallas* da cidade são queimadas. Os valencianos fazem questão de lembrar que tamanha beleza foi

4 A *Magia dos Fogos de Artifício* (2003).

criada para ser queimada e da necessidade constante de substituir o velho pelo novo. É um ciclo infinito de nascimento, celebração e morte pelo fogo.

Durante os dias do festival, ao meio-dia, na praça central e em mais 370 locais de *fallas* acontece a *Masclétá*. São fogos de artifício sonoros que fazem um barulho ensurdecedor. Para os valencianos é a “arte de expressar o barulho harmonioso”.

Todos os dias do festival repetem-se as *Masclétás*, as cerimônias e a queima noturna de fogos luminosos, à meia-noite, fora dos muros da cidade. As cerimônias consistem na oferenda de flores para a confecção de uma estátua gigante de Nossa Senhora e uma alegria espontânea marca o fim das oferendas, quando Valência realiza um dos maiores shows de fogos da Europa. É uma noite conhecida como “a noite de fogo”. Para os valencianos, sem fogos de artifício não se pode conceber *las fallas*. O festival se encerra dia 19 de março, com a festa de São José, santo padroeiro de Valência.

Seja visual ou sonoro, um espetáculo pirotécnico encerra sempre uma aura de beleza e poder. Através dos tempos, a pirotecnia acompanhou o desenvolvimento da tecnologia, e hoje os maiores shows são elaborados por sistemas computadorizados de disparos.⁵ Mas o que chama a atenção é esta junção magnífica de uma arte milenar com o que há de mais moderno, sem que uma anule a outra. Esse pensamento está em consonância com o *mito da codemiurgia cósmica*, desenvolvido por Clémence Ramnoux (1977:28). Seria a idéia de que as construções técnicas avançadas do homem não estão longe de conseguir ocupar o seu lugar na natureza, que as estruturas tecnológicas se encaixam harmoniosamente e às vezes complementam as estruturas naturais. Um exemplo concreto do que estamos expondo pode ser encontrado na China.

A China é o berço da pirotecnia. Há mais de mil anos foi desenvolvida a primeira pólvora, não para a guerra, mas para fantásticas exhibições de trovão e fogo. A tradição pirotécnica da China continua, com mais fábricas que em qualquer outro lugar do mundo, sobretudo em Xangai.

Os chineses usam os fogos para comemorar pequenas e grandes ocasiões – é uma paixão nacional. Tanto que, durante a reunião da Asia-Pacific Economic Cooperation (Apec), encontro de chefes de estado asiáticos que houve em Xangai, o show de fogos estava incluído na lista de eventos, pois a ocasião exigia uma recepção tradicional chinesa, mas numa proporção sem precedentes.⁶

Cai Guo-Quiang, um artista residente em Nova York que tem prêmios de museus importantes e reconhecidos trabalhos artísticos com pirotecnia, foi contratado para dar ritmo e um tema ao show. Para Cai, “os fogos, em sua essência

5 *Mãos à Obra: Fogos de Artifício* (2003).

6 *A Magia dos Fogos de Artifício* (2003).

são uma forma artística de expressão. Como uma flor, uma explosão de fogos de artifício no céu é uma obra de arte". O seu plano envolvia 40 mil dispositivos disparados em 18 minutos. Um desafio técnico, pois tudo (as barcaças no rio, os prédios, as margens do rio e os barcos) deveria funcionar com o ritmo da música. A família Grucci, dos EUA, foi convidada para emprestar ao evento sua tecnologia de disparos e por já ter trabalhado antes com Cai.

Durante o programa, uma corrente de 1.200 metros de comprimento, representando um dragão, abre caminho pelos telhados da avenida. Para os chineses, os dragões trazem sorte, simbolizando as esperanças e os pensamentos mais íntimos das pessoas. Esta representação do dragão, símbolo tradicional da cultura chinesa, em forma de luz e cores através da arte milenar dos fogos e da tecnologia, torna-se um exemplo maravilhoso das novas "leituras" que um símbolo pode ter sem perder a sua essência.

Enfim, nessa enorme "tela" celeste, os artistas de fogos de artifício "pintaram" uma obra prima, expressando não somente uma acolhida afetuosa para os visitantes ilustres, mas representando também o passado notável da China e suas grandes aspirações para o futuro.

Nos tempos antigos, os fogos de artifício eram usados na China como oferenda aos céus, mas hoje, em qualquer lugar, são igualmente etéreos, aparecendo e desaparecendo no céu noturno, provocando todo tipo de emoção. Fogos de artifício são uma ótima maneira de transcender barreiras internacionais e de poder usar a arte e a visão como meios de comunicação entre os homens, através desse fogo mediador.

A festa do sol

Ao observar as variações periódicas de clima ao longo do ano, o homem da antiguidade procurou associá-las ao movimento do Sol no céu, descobrindo as direções do nascente e poente durante todo um ano. Os antigos astrônomos descobriram que o Sol, em quatro bem determinadas épocas do ano, nascia e se punha em pontos diferentes do horizonte; tais épocas correspondiam ao início das estações – quatro grandes alterações climáticas (MOURÃO, 2001:66).

Como citamos anteriormente, muitos aspectos da nossa vida social são regidos por tradições de origem astronômica que foram estabelecidas pelas civilizações que nos antecederam. Dentre estas, as festas do nosso calendário anual.

Muitas manifestações e regozijos do povo para comemorar um evento de origem histórica e/ou mística estão associados a uma origem religiosa, exprimindo também o ritmo das estações sob a conotação de morte e ressurreição da natureza. Com efeito, as festas profanas, que seriam adotadas pelo cristianismo, associaram os dias tristes do outono – das folhas caídas – ao culto dos mortos

no início de novembro e o momento em que a natureza desperta na primavera, depois de longo dormir invernal, ao culto da ressurreição (MOURÃO, 2001:44).

As festas, muito importantes nas sociedades agrícolas da antiguidade, têm como finalidade reunir as populações, do campo ou cidade, com o objetivo de romper a monotonia dos trabalhos e estabelecer intervalos de descanso, de alegria e até mesmo de orgias, como ocorre até hoje durante o Carnaval, um momento de desligamento da dura realidade do mundo. A ruptura com o cotidiano, além de provocar uma inversão dos hábitos diários, conduz com frequência a uma ultrapassagem das normas de vida e por vezes aos excessos, exacerbados pelas bebidas fermentadas (MOURÃO, 2001:44).

Durante as festas, a refeição farta, as trocas de presentes, os cortejos, os desfiles, as músicas, as danças e as máscaras dão maior solidez aos diferentes grupos sociais que interagem e se entregam ao regozijo mútuo. Paralelamente, existia um fundamento astronômico: as festas, fossem elas solsticiais ou equinociais, tinham como meta sacramentar o tempo e delimitar um calendário civil e religioso (MOURÃO, 2001:45).

Mas qual é a origem do termo *solstício*?⁷ Vem do latim, *solstitium*, composto de *sol* e *sistere*, *parar*. Mas por que há essa idéia de parar? Porque no momento em que o sol alcança a posição mais alta ou mais baixa no céu, ele parece estar fixado lá (VERDET, 1992:189).

A revelação dos solstícios deu origem às festas coletivas nas quais o Sol era honrado com fogo, a luz suprema, que o homem oferecia às divindades. Surgiram, desse modo, duas festas dedicadas ao fogo: a festa de verão, que tem lugar no solstício de verão, em 21/22 de junho, e a de inverno, em 21/22 de dezembro. Em virtude da inclemência do clima em dezembro nos países do Hemisfério Norte, a festa de São João passou a ser mais praticada. Por uma transposição cultural, os povos do Hemisfério Sul passaram a comemorar a festa do Sol em junho (inverno), durante o dia de São João. Esta manifestação atual, dedicada a um santo da Igreja Católica, atravessou os séculos sem sofrer grandes alterações, pois o culto do fogo permaneceu profundamente associado ao coração dos humanos. É a procura do Sol, ente máximo da verdadeira renovação da vida, a que assistimos diária e anualmente (MOURÃO, 2001:67). O Sol é denominado *astro rei* com toda propriedade: ele é a fonte de vida para nosso planeta. Um ciclo infinito de renovação da natureza, reproduzido nos eventos e comemorações que se repetem anualmente em nosso calendário.

7 O astrônomo Ronaldo Rogério de F. Mourão (2001) define *solstício* como a época em que o Sol, no seu movimento aparente na esfera celeste atinge o seu maior ou menor afastamento do Equador. Enquanto que os *equinócios* correspondem à passagem do Sol do hemisfério austral ao hemisfério boreal e vice-versa na primavera e no outono.

Como citado, as comemorações de solstícios e equinócios eram consideradas pagãs pelas religiões monoteístas. Como forma de afastar os fiéis destas festas, a Igreja Católica cristianizou-as, transpondo-as para a Páscoa, São João (24 de junho), São Miguel (29 de setembro) e São Nicolau (25 de dezembro). Pelo mesmo motivo, o nascimento de Cristo foi fixado em 25 de dezembro (solstício de verão, no hemisfério sul), no século IV. Essa festa, anterior ao aparecimento do cristianismo, era celebrada em homenagem a Mitra, que contava com um grande número de devotos no Império Romano, em especial depois de Constantino. De fato, Mitra, divindade persa, primitivamente um dos gêmeos do masdeísmo, religião iraniana, estava associada ao Sol. Mais tarde, se tornaria o *Sol Invictus*, ou seja, o Sol Invencível. O Natal, então, nada mais é do que a comemoração de *Natalis Invicti* (Nascimento do Sol Invencível), celebrada pelos adeptos da deusa Mitra, comemorada em Roma durante as saturnais que duravam de 21 a 31 de dezembro (MOURÃO, 2001:45-46).

Assim, não foi difícil associar esta data ao nascimento de Jesus, pois no Cristianismo há muitas imagens solares de Cristo, em particular as assimilações de Cristo com o *Sol Nascente*. São Lucas [1:78-79] lembra que o pai de São João Batista, Zacarias, previu a vinda de Jesus: “Deus, que nos enviará a visita do sol nascente, para iluminar aqueles que estão nas trevas e na sombra da morte”; os primeiros cristãos viam uma imagem profética de Cristo no *Sol da Justiça*, que foi anunciado no livro profético de Malaquias [4:2]. Mas é na liturgia e no serviço religioso que os traços da influência da mitologia solar podem ser mais bem discernidos. Os primeiros cristãos se viravam para o leste enquanto oravam, e as primeiras igrejas, como os templos gregos e romanos, eram construídas de frente para o leste. A partir do século IV, não eram mais as fachadas que ficavam de frente para o leste, mas o lugar do altar (VERDET, 1992:189).

O cristianismo pôde incorporar e transformar os festivais pagãos que marcavam o solstício de inverno, substituindo-os pela celebração do nascimento de Cristo. Mas o processo foi menos bem sucedido com o solstício de verão, pois muitas das tradições que celebram o São João em 24 de junho ainda hoje têm tons pagãos. A origem dessas tradições pode ser encontrada nos rituais rurais, já que o sol garantia uma colheita abundante (VERDET, 1992:191).

Assim que 25 de dezembro se transformou na celebração do nascimento de Cristo, o cristianismo transformou 24 de junho na festa do nascimento de São João, não o evangelista, mas São João Batista, que batizou Jesus. Conta-se que o nascimento de São João Batista precedeu o de Jesus no ano, como se a mensagem de um tivesse anunciado a mensagem do outro. Colocando, dessa maneira, nas ocasiões dos dois solstícios, a celebração dos dois nascimentos, o ano é dividido em metades iguais, com o de São João precedendo o de Jesus. Nos argumentos expostos para justificar a data de 24 de junho, a Igreja empregou a imagem solar.

Falando de Jesus, de quem disse ser o humilde predecessor, São João Batista disse: “Ele deve aumentar e eu diminuir” [João 3:30]. De fato, depois do solstício de verão os dias ficam menores (VERDET, 1992:191).

A festa do fogo

Não podemos esquecer que a festa de São João é também a festa do fogo. *Esse fogo que materializa a festa dos homens* (BACHELARD, 1999:24), fogo ligado às tradições que estão relacionadas à natureza, às festas agrárias, como mencionamos acima.

O fogo utilizado na festa de São João, ou festas juninas, como é mais conhecida no Brasil, é um fogo incinerador, representado nas festas principalmente pela fogueira. Como dissemos, tanto o fogo solar (luz) como o fogo incinerador fazem parte dos ritos de purificação, característicos das culturas agrárias. Simbolizam os incêndios dos campos que se adornam, após a queimada, com um manto verdejante de natureza viva (CHEVALIER, 2003:441).

Existem várias explicações para a presença da fogueira nas festas de junho. Entre as lendas que envolvem de mistérios a noite de São João, uma relembra a fogueira que Santa Isabel – mãe de João – o Precursor, mandou acender para avisar a sua prima, Maria, a Virgem de Nazaré, do nascimento do seu filho, pois Zacarias e Isabel moravam nas montanhas, e este seria o sinal combinado para comunicar o nascimento de João (SOUTO MAIOR, 1988:156).

Mas há outras versões, baseadas nas mitologias pagãs. Na Irlanda, por exemplo, os textos fazem menção à festividade chamada Beltane, que se realizava a 1º de maio, início de verão no Hemisfério Norte. Os druidas acendiam grandes fogueiras (o fogo de Bel) e faziam o gado passar por entre elas, a fim de preservá-lo das epidemias (CHEVALIER, 2003:441).

Em algumas aldeias européias, em 23 de junho, ao pôr-do-sol, uma pirâmide era construída no pátio central. O sacerdote chegava numa procissão para acendê-la e os chefes das famílias passavam pelo fogo os buquês de flores que seriam pregados nas portas de seus estúbulos no dia seguinte, antes do amanhecer. Então os jovens da aldeia podiam dançar ao redor do fogo e também saltar sobre as brasas, cujos restos eram levados para casa mais tarde. Naquela mesma noite, os homens arrastavam para o topo de uma colina um enorme rolo de palha, trespassado por uma longa barra de guia, ateavam-lhe fogo, então o acompanhavam enquanto rolava em descida. Quando a roda de fogo estava na metade da descida, as mulheres e moças que aguardavam lá saudavam seus homens e o fogo com gritos (VERDET, 1992:190).

Essa narrativa nos lembra que as nossas festas juninas conservam os rituais do fogo mais do que qualquer outra data do nosso calendário. É na noite de São

João que se acendem fogueiras votivas. Fogueiras cuja finalidade não é o aquecimento do ambiente da festa, mas uma sobrevivência de práticas milenares de conservação do fogo. É também uma festa de juventude, talvez ainda como uma reminiscência dos ritos de fertilidade, constituindo uma ocasião para a socialização dos jovens, a descoberta do outro, o início de relacionamentos amorosos (BENJAMIM, 1987). Assim como nas aldeias antigas os jovens dançavam ao redor do fogo ou pulavam brasas, nas festas juninas do Brasil há uma continuidade dessa tradição.

Na preservação dos nossos costumes e cultura, precisamos conservar tais hábitos, para que os laços que nos unem ao passado estendam seus elos às gerações que se sucedem. Precisamos garantir que mesmo passados mais de cem anos, os nossos descendentes possam encontrar “maturos” jovens ou velhos, crianças e adultos, ao redor da fogueira (SOUTO MAIOR, 1988:157).

Desde o período colonial até meados do século XX, a maioria da população das regiões do Brasil vivia no campo. Os brasileiros viviam integrados em grupos familiares.⁸

Essas relações familiares eram complementadas pela instituição do compadrio, que servia para integrar pessoas às relações familiares, ampliando assim os laços entre vizinhos e entre patrões e empregados. Havia duas formas principais através das quais as pessoas adultas ou jovens tornavam-se compadres e comadres, padrinhos e madrinhas: uma era, e ainda é, através do batismo; a outra, através da fogueira, que não deixa de ser um batismo de fogo. Nas festas de São João, especialmente os homens, convidavam-se mutuamente, ou por iniciativa de apenas um, para formarem duplas de compadres de fogueira; a dupla se postava um de cada lado da fogueira e deveria pular as brasas, dando-se as mãos em sentido cruzado. Neste momento, era comum a recitação de versos como:

São João dormiu / São Pedro acordô / vamo sê cumpadre / que São João mandô. (Nordeste sertanejo)

São João disse / São Pedro confirmou / Que nosso Senhor Jesus Cristo mandou / A gente ser compadre / Nesta vida e na outra também. (Amazônia cabocla)⁹

Os laços de compadrio são muito importantes, pois padrinhos podem substituir os pais na ausência ou na morte desses, compadres integravam grupos de cooperação para o trabalho agrícola, afilhados ficavam devedores de obrigações

8 Festas Juninas. *Corujando Dia e Noite*. Disponível em: <http://www.corujando.com.br/arquivo/festa_junina.html>. Acesso em: 26 outubro 2010.

9 Festas Juninas. Op. cit.

para com os padrinhos. Além disso, essa instituição beneficiava os patrões que possuíam um séquito de compadres e afilhados leais, tanto nas relações de trabalho, quanto nos momentos políticos, apoiados pelo voto de cabresto. O compadrio ainda vigora em muitas localidades, mas o processo de urbanização que já atinge todas as regiões brasileiras enfraquece essa instituição.¹⁰

Porém, um dos mitos mais próximos às nossas festas juninas é o mito do *Popol Vuh*, do povo quiché, descendente dos maias, que habitaram a Guatemala e a península de Yucatán. As duas palavras, de origem maia, significam *casa comum* e *livro*, respectivamente, pois é o livro essencial do conselho indígena quiché (MARTINS, 2003).

Mas o que conta exatamente o *Popol Vuh*? O poeta guatemalteco Luis Cardoza y Aragón o situa como a bíblia dos guatemaltecos, os filhos do milho: “Como a Bíblia, é um conjunto de textos sagrados e profanos, com proporções heróicas, onde fermentam deuses, homens e animais, em um âmbito mágico que envolve a origem do mundo, do homem e dos deuses”. No início do capítulo segundo, está um legado de aventuras dos deuses Hunahpú e Ixtlanqué, gêmeos que configuram a ambientação épica do *Popol Vuh*.¹¹ Aí se encontra o aspecto moral do livro, os gêmeos tiveram os pais sacrificados e a narração aborda temas ligados a castigos, humilhações, perdas, todo um relicário de como combater as forças do mal, sintetizado pela vitoriosa fala: “nossa extirpe não se extinguirá enquanto houver luz no abrir da manhã” (MARTINS, 2003).

Um trecho que nos chama a atenção relata quando os Heróis Gêmeos morrem queimados na fogueira acesa por seus inimigos, sem qualquer tentativa de defesa, para renascem depois, encarnados no rebento verde do milho (CHEVALIER, 2003:441). Observando esse mito, encontramos uma conexão estreita com nossas festas juninas dado que é nesse período, principalmente no nordeste brasileiro, que se dá o auge da colheita do milho, cereal básico da culinária tradicional.

O *Popol Vuh* evoca também os mais remotos rituais agrários. Mesmo sendo solstício de inverno no Brasil, essa época coincide com a realização dos rituais mais importantes para os povos (indígenas), referentes às colheitas e à preparação dos novos plantios. O período que vai de junho a setembro corresponde ao período de fartura e evocação da fertilidade, é a época da seca em muitas regiões do Brasil, quando os rios estão baixos e o solo seco, pronto, portanto, para enfrentar o plantio que segue a seguinte seqüência: derrubada da mata, secagem e descanso

10 Festas Juninas. Op. cit.

11 El Popol Vuh. Disponível em: <<http://www.literaturaguatemalteca.org/popol.html>>. Acesso em: 26 outubro 2010.

do mato derrubado e plantio; é a técnica da coivara, tão difundida entre os povos do continente americano.¹²

Nessa época, os roçados velhos do ano anterior ainda estão em pleno vigor, repletos de mandioca, cará, inhame, batata doce, banana, abóbora, abacaxi; a colheita de milho, feijão e amendoim, que ainda se encontra em período de consumo. Esse é um tempo bom para pescar e caçar. Uma série ritual, durante este período, inclui um conjunto muito variado de festas que congregam as comunidades em danças, cantos, rezas e muita fartura de comida. Deve-se agradecer a abundância, reforçar os laços de parentesco (as festas são ótimas ocasiões para alianças matrimoniais), reverenciar as divindades aliadas e rezar forte para que os espíritos malignos não impeçam a fertilidade. O sentido de atear fogo para limpar o mato, ao lado de realizar a fertilização do solo, é principalmente o de afastar esses espíritos malignos.¹³

Dessa maneira, podemos observar que as festas juninas são um emaranhado das mais diversas tradições herdadas pelos brasileiros. Os santos católicos convivem coerentemente com as tradições agrárias indígenas, as fogueiras místicas dos druidas, os conhecimentos astronômicos dos povos da antiguidade, os fogos chineses... Conhecimentos míticos e racionais imbricados num mesmo evento. É a junção primorosa de todas as características do fogo que revelamos nesse capítulo. Os fogos de artifício, fogo-luz, representação das estrelas e conexão com os céus se integram ritualisticamente ao acender da fogueira.

Assim, podemos observar também, que o fogo, em suas diversas manifestações físicas, está presente em muitos aspectos da nossa vida cotidiana, sendo mais explícito no período das festas juninas. É o fogo que incinera a madeira nas fogueiras, o calor que cozinha os alimentos tradicionais dessa época, as luzes que nos encantam num espetáculo pirotécnico. Poderíamos até afirmar que, ao acender a fogueira e soltar fogos, não somos nós que mantemos a tradição, mas o próprio fogo, ele mesmo se mantém. Seja em chama ardente ou em nossas almas, ele nos cativa, nos hipnotiza, clamando para ser aceso como um ser vivo, com vontade própria. Não fomos nós que domesticamos o fogo, mas ele nos domina, nos impele a apreciá-lo, a guardá-lo e a mantê-lo como tesouro, de geração em geração.

12 Festas Juninas. Op. cit.

13 Festas Juninas Op. cit.